

GEERTZ E SAHLINS: A ANTROPOLOGIA E A HISTORIOGRAFIA CULTURAL

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian¹

Este estudo tem como propósito analisar, de maneira breve e esquemática, algumas características conceituais da obra dos antropólogos Clifford Geertz e Marshall Sahlins, procurando dissertar a respeito de como estas "aproximaram" seus trabalhos do campo historiográfico, fazendo com que se tornassem novas referências metodológicas para o saber histórico, sobretudo na análise cultural das sociedades.

Nos últimos anos, notabilizou-se o trabalho do antropólogo Clifford Geertz em proximidade com a chamada "história cultural". Sua coletânea de ensaios, *A Interpretação das Culturas*, tem sido citada por diversos historiadores diversos como, por exemplo, em termos mundiais, Robert Darnton, e em termos locais, Lilia Moritz Schwarcz.

Para Geertz, a decifração do significado constitui-se em tarefa fundamental da antropologia cultural, e essa tarefa também tem sido assumida como fundamental pelos historiadores culturais. No entanto, esta busca da decifração do significado tem gerado críticas por parte de alguns historiadores, como Roger Chartier que, em uma resenha no *Journal of Modern History*, atenta ao fato de que o anseio por ver a ordem e o significado pode obscurecer a existência de luta e conflito.

É nesse sentido que também cresceu a repercussão da obra de outro antropólogo norte-americano, Marshall Sahlins. De certa forma, Sahlins amplia as discussões de Geertz, na medida em que reexamina a estrutura e o evento ou, poderíamos dizer, em termos dialéticos, a estrutura e a história. Assim, enquanto Geertz enfatiza a unidade, Sahlins enfatiza a diferença, o que os torna até certo ponto complementares.

É evidente que a repercussão de obras da antropologia junto à história cultural não se restringe a estes dois autores. Os historiadores reconhecem, abertamente, a importância de Lévi-Strauss, por exemplo² No entanto, neste estudo discutiremos apenas sobre os trabalhos de Geertz e Sahlins.

Com suas peculiaridades, a antropologia e a história têm canalizado, em alguns casos, as mesmas correntes intelectuais provenientes da Europa. Tributárias dos mesmos afluentes, alimentadas pelas mesmas forças intelectuais, a antropologia e a história vêm-se diante das mesmas possibilidades.

¹ Mestrando em História – UNESP/Assis; Bolsista FAPESP.

² A respeito das relações entre Lévi-Strauss e a história, ver SCHWARCZ, Lilia K. M. "História e etnologia. Lévi-Strauss e os embates em região de fronteira" In: *Revista de Antropologia*, Vol. 42, nº 1 e 2, São Paulo, FFLCH/USP, 1999, p. 199-222.

Uma vez que a história social e o estudo das mentalidades significam, entre outras coisas, a utilização de abordagens simbólicas na história, convém que atentemos a Clifford Geertz e sua "interpretação das culturas". No primeiro ensaio de *A Interpretação das Culturas*, o autor diz que a análise cultural implica numa "descrição densa". Semanticamente, e não materialmente densa, a densidade dessa descrição consiste em sua capacidade de diferenciar um reflexo insignificante ou um relance de olhos, por exemplo, de um recurso comunicativo conscientemente empregado, a piscadela. A "descrição densa", assim, "lê" o conteúdo simbólico da ação, interpretando-a como signo.

No cenário intelectual das décadas de 1960 e 1970, poucas coisas são do agrado de Geertz. O materialismo, seja ele de que natureza for, continua sendo um alvo implícito. O estruturalismo de Lévi-Strauss é excessivamente "cerebral". A intenção de Geertz é "evocar perspectivas, não dissecar códigos". Grande parte de sua munção é reservada ao positivismo, com sua busca de leis explicativas gerais e sua objetividade e empirismo ingênuos.

Embora existam claros precedentes da análise cultural de Geertz na historiografia ocidental, ele desfrutou de uma influência não mediada sobre os historiadores. Em sua introdução a *O grande massacre de gatos*, Robert Darnton cita Geertz como sua principal fonte de inspiração e dedica seus ensaios à "história de natureza etnográfica", ao estudo da "maneira pela qual as pessoas comuns conferem sentido ao mundo".

Geertz também escreveu uma "espécie de história", *Negara*, sua reconstrução da constituição política de Bali no século XIX. O objeto de estudo, nesse ensaio, é uma cerimônia pública, o *negara*, ao mesmo tempo uma demonstração de status e uma dramatização de um ideal político. Fundamentar o *negara* como uma "estrutura de ação" constitui uma "estrutura de pensamento". Descrevê-lo equivale a descrever os significados veiculados. O fundamental desse estudo é reivindicar para a análise simbólica um novo domínio, insistindo na identidade do político e do simbólico.

Embora a guinada interpretativa tenha tido um forte impacto tanto dentro quanto fora da antropologia, os antropólogos hoje têm uma aguda consciência de suas impropriedades. A falta de rigor metodológico de Geertz, por exemplo, deixa a análise cultural vulnerável aos críticos e céticos de tal abordagem. Na prática, a análise cultural de Geertz é tão estática quanto qualquer estruturalismo, pois, ao oferecer uma "descrição densa" de uma era passada, numa localidade distante, *Negara* pesquisa a história local tal qual saber local. O significado é descrito, nunca inferido.

Ainda que o próprio Geertz nos advirta contra os vícios de sua interpretação, e sua tendência a transformar-se em uma espécie de "esteticismo sociológico" que perde o contato com as superfícies duras da vida, com as realidades políticas, econômicas e estratificadoras que envolvem os homens por todos os lados, na verdade a "descrição densa", da forma como Geertz a pratica, corteja esse perigo, ao estetizar todos os domínios. Esta transformação liberta o simbólico das amarras de sua superfície áspera, tira-o dos contextos históricos e institucionais nos quais se encontra e debilita o

próprio esforço ostensivamente empreendido por Geertz de chegar a uma compreensão adequada.

Em resposta a alguns destes problemas interpretativos, encontramos a obra de Marshall Sahlins, na qual nos afastamos da interpretação e das controvérsias circunjacentes e voltamo-nos para um estilo de análise inspirado pelo estruturalismo.

Buscando uma ponte entre a história e a antropologia, Sahlins apega-se a Braudel e aos Annales como precedente. Ele percebe que, teoricamente, a relação estabelecida por Braudel entre longa e curta duração, entre "história estrutural" e "história política", é semelhante à relação estabelecida por Lévi-Strauss entre "ordem de estrutura" e "ordem de evento".

Para desenvolver uma antropologia "estrutural e histórica", Sahlins retoma as questões no ponto em que foram abandonadas por Lévi-Strauss e Braudel, repensando estrutura e acontecimento e estrutura e história em termos dialéticos. Ele pretende resgatar, para a análise cultural, acontecimento, ação, transformação e o mundo. Inversamente, pretende resgatar, para a história, a análise estrutural.

Em Sahlins, a palavra estrutura remete a categorias culturais concebidas como uma rede conceitual, um conjunto de categorias. E sua análise vai além da de Lévi-Strauss, porque ele demonstra o papel produtivo da estrutura numa história, mesmo que esta permaneça irredutível. Para Sahlins, a história é culturalmente ordenada, e essa ordenação se dá de maneira diferente nas diferentes sociedades, em conformidade com o esquema significativo das coisas, sendo que o contrário também é verdadeiro, ou seja, os esquemas culturais são historicamente ordenados, uma vez que os significados são reavaliados à medida que são sancionados na prática.

A transformação na qual sua obra Ilhas de história se concentra – formação de classes e a origem do Estado – deriva das perturbações e inovações do que Sahlins chama de "estrutura da conjuntura", um conjunto de relações históricas que, ao mesmo tempo, reproduzem as categorias culturais tradicionais e atribuem-lhes novos valores. Assim, se as estruturas do presente são as estruturas do passado, modificadas por uma ação estruturalmente posicionada, mas circunstancialmente motivada (os eventos gerados pela estrutura da conjuntura), então estrutura e evento entram em relação dialética. Para ele, portanto, a dialética da história é totalmente estrutural. O processo histórico desdobra-se como um movimento contínuo e recíproco entre a prática da estrutura e a estrutura da prática.

Embora a linguagem de Sahlins pareça estar a uma distância razoável da linguagem de Geertz – em vez de interpretação, descrição densa e análise cultural, ouvimos falar em estrutura, evento e dialética –, ao explicar a antinomia estrutura/ação e modelo dialético harmoniza necessariamente as análises culturais com as estruturais. Pois, se a linguagem não é nem estrutura, nem acontecimento, mas a incessante conversão de um no outro, no discurso, o estruturalismo de Lévi-Strauss e a "análise cultural" de Clifford

Geertz são aspectos complementares de único argumento que diz respeito à história.

Ainda que a intenção explícita de Sahlins seja oferecer um antídoto às deficiências do estruturalismo – tal fato se explicita em seu ensaio "O marxismo e os dois estruturalismos", da obra *Cultura e razão prática* –, ao reconciliar Lévi-Strauss e Geertz, Sahlins também supera algumas das limitações da análise cultural. A longa e a curta duração de Braudel estão ligadas, do mesmo modo que o político e o cultural, o material e o ideal, a base e a superestrutura. A "estrutura da conjuntura" de Sahlins concentra-se nessa relação enquanto fonte do dinamismo da história. A dialética de Sahlins é, assim, multidimensional, o que explica a enorme repercussão de seu estudo, do materialismo histórico de E.P. Thompson à hermenêutica revisionista de Paul Ricoeur.

Clifford Geertz e Marshall Sahlins, em certa medida, complementam-se em suas reflexões teóricas ainda que, a partir das leituras que realizamos, tenhamos convicção para dizer que a conceituação de "estrutura da conjuntura" de Sahlins nos parece, do ponto de vista metodológico, mais ampla e mais rigorosamente construída do que a "descrição densa" de Geertz. A rigorosidade metodológica e a amplitude conceitual da obra de Sahlins podem, em parte, explicar a grande repercussão do trabalho desse antropólogo no meio historiográfico. Mas não devemos perder de vista que, mesmo limitada metodologicamente, a análise de Geertz continua a encontrar eco no campo de estudos a respeito da história cultural.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- _____. *Negara. O estado teatro no século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- _____. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SCHWARCZ, Lília K. M. "A nova roupa do rei: reflexões sobre a realeza" (Cap. 1) In: _____. *As Barbas do Imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 25-34.
- _____. "História e etnologia. Lévi-Strauss e os embates em região de fronteira" In: *Revista de Antropologia*, Vol. 42, nº 1 e 2, São Paulo: FFLCH/USP, 1999, p. 199-222.
- _____. "A visão irônica de Geertz sobre o fazer antropológico" In: *O Estado de S. Paulo*. (Caderno 2), 03/06/2001.

VELHO, Gilberto. "O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social". *In: ____ . (org.) Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.